

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL  
DOS FÓRUNS  
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA  
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO  
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN  
GÚS  
TIA

COMO  
FAZÊ-LA  
FALAR?

EPFCL

MAISON DE LA CHIMIE  
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE  
75007 PARIS - FRANCE

## VIII ENCONTRO DA

**ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO - EPFCL**

**2 DE MAIO DE 2024**

Maison de la Chimie  
PARIS - FRANCE

### **SABER E IGNORÂNCIA NA PASSAGEM À ANALISTA**

**Abertura N°7**

**Glauca Nagem de Souza – EPFCL – Fórum São Paulo**

*“O passe era algo como um raio... como um relâmpago pode fazer, isto é, se é neste clarão que se percebe algo desta experiência.”<sup>[1]</sup>*

Temos, na intervenção “Sobre o Passe”, de 1973, uma apresentação de Lacan sobre o dispositivo que ele criara anos antes. Em seu desenvolvimento, encontramos algumas indicações de que o Passe é uma “proposta” marcada pela “prudência”, e que não é do campo da “lealdade”. Ele não se enquadraria na ordem das “leis de competição”, pois seria um “novo estilo de recrutamento”. Nessa linha, ele chega à frase destacada de que o passe seria um relâmpago, um clarão que nele poderia se escutar qual saber se construiu em uma análise, e define que “a experiência analítica implica um saber” que não é aquele de “apertar botões”. Quem se contenta com botões provavelmente não quer nada novo, nenhuma surpresa, evita o susto que nos atravessa ao avistar um corisco rasgando o céu. O Passe parece ser um antídoto à comodidade dos analistas que se contentam em serem funcionários. É preciso olhar para fora para avistar os clarões, sair do conforto das quatro paredes, dispor-se a ouvir outros sons, estar aberto à novidade que rompe o esperado. A partir dessa ideia de se recolher algo de um clarão, que permite o acesso a

um saber e que traz luzes sobre sombras espessas, é que podemos nos perguntar sobre o estado atual do Passe em nossa Escola. Esperamos, quase 50 anos depois de sua invenção, recolher “algo completamente novo, algo que, em nenhum dos que se apresentaram, ficou sem efeito”? Qual a novidade nesse desejo que se extrai ao fim de uma análise? Desafios que fazem manter vivo em nós o debate sobre esse dispositivo sem dormir sobre certezas alienantes nem nos contentarmos em apertar botões, como Chaplin já nos advertia em *Tempos modernos* <sup>[2]</sup>.

---

[1] Intervenção na sessão de trabalho “Sobre o Passe” de sábado, 3 de novembro (tarde), publicado em *Les Lettres de L'École Freudienne*, 1975, nº 15, p. 185-193.

[2] EUA, 1936, direção de Charlin Chaplin.

## PROGRAMAÇÃO

Anfiteatro Lavoisier (Tradução simultânea Inglês, espanhol, francês, italiano, português)

8:00->INSCRIÇÕES

9:00 -> ABERTURA

Carolina Zaffore (Argentina) e Dominique Fingermann (França) Secretarias do Colégio Internacional da Garantia

9:15 -10:45

Discussão: Martine Menès (França)

Elynes Barros AE (Brasil): O que se pode saber em uma análise? Rebeca Garcia (Espanha): O que ressoa de uma experiência. Nicolas Bendrihen (França): A cicatriz dos efeitos do acaso?

11:00-12:30

Discussão: Sandra Berta (Brasil)

Constanza Lobos AE (Argentina): Querer um saber furado Anne Marie Combres (França): Ponto de passagem?

Mikel Plazaola (Espanha): Efeitos da passagem da ignorância ao saber na experiência do passe

12:30-14:00->ALMOÇO

14:00-15:30

Discussão: Teresa Trias (Espanha)

Dimitra Kolonia AE (França): Surpresas de fim

Marie-José Latour (França): Trabalhar para o incerto

Ana Laura Prates Pacheco (Brasil): Com a janela aberta para o passe

15:30-17:00